

# O ACASO E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM MATO GROSSO DO SUL\*

*Thiago Pedro Pinto  
Tatiana Rozalia Guedes*

## Resumo

Neste texto abordaremos como o acaso, a imprevisibilidade, os eventos casuais se fizeram presentes nas pesquisas em História da Educação Matemática do Grupo HEMEP ao longo dos últimos nove anos. As iniciações científicas, as pesquisas de mestrado e doutorado desenvolvidos tocam, cada uma, determinada temática e região do Mato Grosso do Sul, em diversos recortes temporais. No entanto, é inevitável a passagem por eventos não orquestrados, imprevisíveis em narrativas históricas que tentam formatar o passado numa compreensão de causas e efeitos, de uma lógica metafísica acima de nossas existências regida, seja por Deus, pelo Cosmos ou pela Ciência-Razão. Pelo contrário, há, em inúmeras passagens, a presença do caos, do acaso, dos golpes de sorte do destino registrados em narrativas produzidas junto a personagens que participaram de processos de formação de professores (de matemática) no Mato Grosso do Sul. Passearemos pelas narrativas produzidas pelo Grupo na busca de exemplos de casos como estes. Ao fim, problematizaremos os eventos encontrados e possíveis modos de se trabalhar com estes.

**Palavras-chave:** narrativas, história oral, verdade, desejo.

## Introdução

“A condição geral do mundo é, pelo contrário, desde toda a necessidade, o caos, não pela ausência de uma necessidade, mas no sentido de uma falta de ordem, de estrutura, de forma, de beleza, de sabedoria e de outras categorias estéticas humanas. Ao juízo de nossa razão, os lances de dados infelizes são a regra geral; as exceções não formam o objetivo secreto e todo o mecanismo repete eternamente seu estribilho sem nunca produzir melodia - e, finalmente, a expressão "lances de dados infelizes" comporta em si própria uma humanização que contém uma censura.” (Nietzsche, 2019, § 109).

Como chegamos até aqui? Talvez a melhor e a pior pergunta condensada em uma mesma sentença. Nossas buscas por nossas origens, por aquilo que nos torna especial frente ao caos tem movimentado diversas empreitadas científicas, religiosas, investigativas de forma geral. Antropologia, geologia, história, relatos em jornais, álbuns fotográficos, testemunhos das mais diversas formas tem acrescentado ingredientes nesse imenso caldeirão de incógnitas. Mesmo a Matemática com sua pretenciosa exatidão tem buscado padronizar estes movimentos supostamente instáveis e voláteis, seja por meio da teoria dos jogos, probabilidade e estatísticas, seja pela própria teoria do Caos e dos Fractais

---

\* DOI - 10.29388/978-65-86678-51-2-0-f.733-746

*Algumas pessoas acreditam que a teoria dos jogos formará em algum dia o alicerce de um conhecimento técnico estrito de como decisões são feitas e de como a economia funciona. O desenvolvimento da teoria ainda não atingiu este patamar e, hoje, a teoria dos jogos é mais estudada em seus aspectos matemáticos puros e, em aplicações, ela é usada como uma ferramenta ou alegoria que auxiliam no entendimento de sistemas mais complicados. (SARTINI et al, 2004, p. 1)*

*Chamamos de experimentos aleatórios aqueles que, repetidos em idênticas condições, produzem resultados diferentes. Embora não saibamos qual o resultado que irá ocorrer num experimento, em geral, conseguimos descrever o conjunto de todos os resultados possíveis que podem ocorrer. As variações de resultados, de experimento para experimento, são devidas a uma multiplicidade de causas que não podemos controlar, as quais denominamos acaso. (HAZZAN, 1977, p. 69-e)*

*Contudo, a Geometria dos Fractais está intimamente ligada à uma ciência chamada CAOS. As estruturas fragmentadas, extremamente belas e complexas dessa geometria, fornecem uma certa ordem ao Caos, razão de ser, às vezes, considerada como a sua linguagem, que busca padrões dentro de um sistema por vezes aparentemente aleatório. (BARBOSA, 2002, parag. 46)*

Dominar o inesperado parece estar no bojo de nossos desejos civilizatórios, racionalistas e explicativos.

*O homem se tornou aos poucos um animal fantasioso que deve preencher uma condição de existência a mais que todos os outros animais: o homem deve de tempos em tempos **acreditar que sabe a razão por que existe**, sua espécie não pode prosperar sem uma confiança periódica na vida! Sem a **fé na razão da vida!** (NIETZSCHE, 2019, §1, grifo nosso).*

Desde os gregos antigos, ao interrogar o oráculo já se pretendia dominar o futuro, predeterminar um acontecimento (NIETZSCHE, 2019 §84). Em “A Gaia Ciência” Nietzsche aponta para a morte de deus e para a sombra de Buda que permaneceu entre os homens mesmo depois de sua morte. Uma possível leitura é quanto à influência que estes entes podem exercer sobre nós, estando eles “vivos” ou não (Deus, Buda, Jeová, Razão, Cosmos, Universo, Horóscopo, Ciência – todos escritos em letra maiúscula propositalmente). Em outras palavras, é possível pensar que o filósofo aponta para o deslocamento das responsabilidades e movimentos de nossa vida a outro ser qualquer, personificado ou não. Não é difícil identificar em suas obras o apontar para “tomar as rédeas” de suas próprias vidas, para além de uma moral construída ou mesmo de razões que ultrapassem nossas próprias vidas, necessidades e deleites. Pelo contrário, é possível perceber um apelo à natureza do homem, negligenciada pela religião e pela racionalidade – talvez possível na arte e na poesia. Na continuação do texto trazido na epígrafe deste trabalho temos:

*Mas como podemos nos permitir censurar ou elogiar o universo? Evitemos de recriminar sua dureza e a falta de razão ou o contrário. Não é perfeito, nem belo, nem nobre e não quer transformar-se em nada disso, não tende em absoluto a imitar o homem! Não é tocado por*

*nenhum de nossos juízos estéticos e morais! Não possui tampouco instinto de conservação e, de uma maneira geral, não possui qualquer instinto; ignora também todas as leis. **Evitemos de dizer que há leis na natureza. Nela só há necessidades: ninguém manda, ninguém obedece, ninguém desobedece. Quando souberem que não há fins, saberão igualmente que não há acaso: pois é unicamente sob o prisma de um mundo de fins que a palavra "acaso" tem um sentido.** Evitemos de dizer que a morte é o oposto da vida. A vida não passa de uma variedade da morte e uma variedade muito rara. - Evitemos de pensar que o mundo cria eternamente o novo. [...] Mas quando acabaremos de nos preocupar? Quando todas essas sombras de Deus não nos perturbarão mais? Quando teremos despojado completamente a natureza de seus atributos divinos? Quando haveremos de reencontrar a natureza pura, inocente? Quando poderemos nós, homens, tornar a ser natureza! (NIETZSCHE, 2019, §109, grifo nosso).*

Sob o tom desta citação de Nietzsche, ao sermos convidados para participarmos desta produção conjunta, resolvemos percorrer os trabalhos vinculados ao Grupo História da Educação Matemática em Pesquisa (HEMEP). A produção deste grupo se dá no que tem sido chamado de História da Educação Matemática. O conhecimento histórico também tem passado por questionamentos que refletem as indagações colocadas até então. Seriam as narrativas históricas explicitações de movimentos maiores que orquestram o passado e nos conduziram até o presente? Pode o passado explicar o presente e, assim, nortear o futuro? Se estas questões já se colocavam ao que corriqueiramente se chama de História Clássica, com suas metanarrativas, se colocam de maneira ainda mais contundente à História Oral e a sua produção intencional de fontes históricas por meio da oralidade.

Esta modalidade/metodologia de pesquisa passa a aceitar como produções historiográficas não apenas documentos redigidos/registrados no passado para tratar também, e preponderantemente em muitos casos, com documentos elaborados no presente “sobre” o passado. Como seus interlocutores narram e explicam o passado, que significados atribuem a ele, situados no presente, com reflexões e critérios do momento atual, atualizando assim suas memórias daqueles eventos em estudo? Tivemos oportunidade de discutir o estatuto epistemológico destas produções a partir de uma aproximação com a perspectiva wittgensteiniana traçando um paralelo às fotografias compósitas de Francis Galton (Produção de Histórias sobre/na Educação Matemática: um exercício com os Projetos Minerva mobilizando um texto ficcional e fotografias compósitas, PINTO, 2015). A proposta que se delineia neste livro, no entanto, é um pouco diferente, ainda que nos provoque infinitas aproximações.

Optamos aqui por revisitar os trabalhos do Grupo HEMEP em busca de narrativas que tragam o acaso para suas histórias, que utilizem este “ente” no modo como organizam no presente o seu passado. Assim, em uma terapia do acaso em nossas produções, somos convidados a observar como nossas pesquisas tomam esta palavra ou a problemática em questão em suas análises, considerações e depoimentos.

Nos últimos dez anos temos trabalhado sistematicamente, mas não exclusivamente, com a produção historiográfica em educação matemática no que se refere à formação e atuação de professores de matemática em Mato Grosso do Sul. Com a criação do Grupo HEMEP, sendo este inicialmente um braço do GHOEM, nossas temáticas de pesquisa se alinhavam, e ainda se alinham em grande medida, a um grande projeto que vem sendo desenvolvido pelo GHOEM há quase 20 anos: o mapeamento da formação e atuação de professores de Matemática no Brasil.

Optamos nesta produção por trazer diretamente das dissertações e teses defendidas no âmbito do Grupo HEMEP trechos que possibilitem visualizar como nossos interlocutores inserem em suas narrativas de vida elementos que podemos associar ao acaso. Este aparece por vezes de forma nominal “o acaso”, mas outras expressões como “por sorte”, “por um golpe de destino”, também são frequentes em nossos depoimentos.

Entre os trabalhos inventariados por nós nesta busca está o da pesquisadora Carla Regina Mariano da Silva, sua tese de doutoramento aborda a criação de cursos de Licenciatura em Ciências e Matemática na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). O destaque aqui vem pela própria pesquisadora, ao tecer suas análises, aponta o acaso como fator preponderante no adentrar de um profissional no campo educacional:

*A entrevista de Patusco nos trouxe um perfil até então não estudado, o de professores que **iniciam a carreira docente “por acaso”**. Sendo engenheiro, foi para Corumbá para trabalhar em sua área de formação quando surgiu a possibilidade de vincular-se à Universidade. Passados alguns anos, essa tornou-se sua profissão. Em meados da década de 1980, Patusco saiu da empresa Cimento Itaú e passou a dedicar-se exclusivamente à docência, e o que no início era apenas um hobby transformou-se em carreira. (SILVA, 2015, p. 189, grifo nosso)*

Se em uma primeira leitura pode parecer forte tal afirmação, mas ao percorrer os demais trabalhos temos diversas ocorrências do mesmo apontamento, diretamente na narrativa dos entrevistados, o iniciar da carreira docente por força do acaso, um evento não orquestrado ou programado em suas vidas.

No depoimento que se segue, de um professor, Rodolpho Schmid, vindo de São Paulo (SP) a Paranaíba (MS) vemos tal golpe de sorte:

*[...] vim trabalhar, só que não consegui serviço por problemas familiares. E eu fiquei na mão, então, **me convidaram para dar aula**. Como eu tinha o Segundo Grau, eu comecei a dar aula. E foi depois, eu fiz uma Especialização, a CADES e fui fazendo Curso de Especialização até fazer a Pós-Graduação. (SILVA, 2016, p. 45-46, grifo nosso).*

A imprevisibilidade em começar a lecionar continuou aparecendo em épocas mais tardias (décadas de 1990 e 2000), como aconteceu com Aparecida Batista Rosa, que foi convidada a fazer o curso modular: “Sobre o curso, eu fiquei sabendo por que eu já trabalhava na escola na época e os professores da escola iam participar dessa formação. Eu trabalhava no administrativo e **fui convidada**, porque precisava de professores”. (ALMEIDA, 2017, p. 45, grifo nosso). Outras pessoas, mesmo com o curso de licenciatura concluídos ou o magistério, não se consideravam professores(as) e o início da carreira docente é apontado ao acaso, a uma imprevisibilidade:

*Eu não tinha começado a dar aula de verdade até um tempo atrás, até então eu estava dando aula só particular, **mas aí por algum acaso do destino eu comecei a dar aula no Orville Carneiro**, que é um cursinho para CEFET, COLTEC, que são as escolas técnicas do Ensino Médio e para o colégio militar, e assim, eu tive certeza... eu sai de uma*

*aula um dia deslumbrada, foi o que eu escolbi pra mim, foi o que eu nasci pra fazer: dar aula de Matemática. (OLIVEIRA, 2018, p. 368, grifo nosso)*

*Bom, na década de 1980 eu morava em Campinas – SP, estava insatisfeito com a carreira militar, queria sair da vida militar e ir para algum lugar. Minha irmã trabalhava no Banco do Brasil em Cassilândia, e eu fui passear na casa dela, aí, **ela fez uma proposta pra mim**: “Por que você não vem morar em Cassilândia?” E eu falei: “Mas fazer o que aqui em Cassilândia?” Ela falou: “Ué! Vem lecionar! Você vai se formar no final do ano” [em Ciências]. Aí, eu fui verificar e soube da carência de professores de Matemática que a cidade tinha [...]. Mudei para Cassilândia e comecei minha carreira de professor na Escola Antônio Paulino, no dia 2 de fevereiro de 1987. (GUEDES, 2018, p. 39, grifo nosso).*

*Eles perceberam, na minha igreja, que eu tinha muito domínio. Desde menina eu já dava aulinha lá nas salas das escolas dominicais. Eu era uma criança. Olha, não sei se foi essa experiência que me despertou para a docência. Na realidade a docência veio **por acaso**, porque o meu grande sonho era a medicina. Só que pra uma criança, ou seja, uma adolescente do interior, pobre e com poucos recursos, a medicina era um sonho impossível. Na época eu não enxergava assim, mas era inatingível. Na minha cidade não tinha o científico, o 2º grau que preparava para a medicina. Tinha o magistério, era isso que me aguardava e eu fui educada pra casar. [...] E sobre o magistério eu digo sempre que eu não escolbi o magistério, o magistério me escolheu. **Eu não escolhi ser professora**, mas fui muito feliz profissionalmente. (GASPAR, 2015, p. 53-54, grifo nosso).*

*Tendo terminado a graduação, Patusco foi trabalhar na indústria, na empresa Cimento Itaú, primeiramente no interior de Minas Gerais e, depois, em Corumbá (MS). Diferentemente dos demais professores que vieram para o Mato Grosso do Sul para lecionar, para ele, **trabalhar na Universidade foi um acaso**. (SILVA, 2015, p. 183, grifo nosso)*

Não apenas o início na carreira docente, mas também a escolha pelo curso de graduação, muitas vezes, obra do inesperado, do não planejado e até do não desejado:

*Alguns fizeram igual a mim: **comecei a fazer por querer um serviço aqui onde morava**, mas eu gostei, me apaixonei pela educação, tanto que eu fiz Pedagogia. Eu poderia não ter matemática, tinha oportunidade de fazer outro curso, mas não, eu não quero sair da educação. (ALMEIDA, 2017, p. 37, grifo nosso).*

*[...] eu fazia Farmácia, eu fui embora estudar, mas **eu não gostei do curso**, não quis continuar. Quando eu retornei para Cassilândia eu prestei o vestibular (eu sempre gostei muito de Matemática, sempre tive facilidade em Matemática) e fui aprovada, fiquei classificada numa colocação legal, empolguei e fui fazer o curso. Eu apaixonei! Adoro ministrar aula. (GUEDES, 2018, p. 74, grifo nosso).*

*[...] **eu queria fazer Arquitetura**, era um sonho desde criança, mas, infelizmente meus pais não tinham condições financeiras, porque eu tinha que ir para outra cidade estudar, aí, eu optei pela UEMS, porque era em Cassilândia. Dentre os cursos ofertados, Letras e Ciências, eu optei por Ciências, porque tinha menos concorrência. [...] E depois que eu ingressei no curso eu comecei a gostar. (GUEDES, 2018, p. 102, grifo nosso).*

*Eu, na realidade, queria fazer odonto. Queria fazer odonto. Prestei dois anos concurso na Federal, cheguei a ficar bem classificado, mas não chegou ao limite de me chamarem, e daí optamos por fazer como todo mundo faz: fazer um curso de Biologia para fazer matemática para depois eu fazer odonto. E até hoje eu estou aí formado e graças a Deus muito contente. (ALMEIDA, 2017, p. 63, grifo nosso).*

*Eu sou a Fernanda e estou no segundo ano. **Eu escolhi a Licenciatura em Matemática meio por acaso.** Eu queria fazer Administração, mas como achei que seria difícil eu entrar por causa da concorrência, resolvi tentar Matemática primeiro só para ser aprovada. Eu sempre gostei de Matemática e sempre tirei boas notas, então não foi uma decisão difícil. Num primeiro momento eu pensei que fosse desistir, mas daí eu conheci alguns professores que fazem projetos nas escolas e eu comecei a me apaixonar pelo curso. (OLIVEIRA, 2018, p. 34, grifo nosso)*

*Eu sou o Guilherme, tenho 22 anos, eu estou entre o sexto e o sétimo semestre do curso noturno. **Eu caí na Matemática não por acaso,** quando eu entrei na faculdade eu não tinha exatamente certeza do que eu queria fazer, porque eu estava dividido entre fazer três Licenciaturas: ou Letras, ou História ou Matemática, mas como eu gostava muito das aulas da minha professora do Ensino Médio de Matemática acabei optando por Matemática. (OLIVEIRA, 2018, p. 201-202, grifo nosso)*

*Eu sou o Gustavo, me formei semestre passado. **Escolhi meio que por acaso,** eu tinha três opções em mente de carreira que eu tentei: Esporte, Economia e Matemática. Acabei parando aqui e no início eu não esperava que eu fosse gostar, mas conforme foi passando o tempo eu descobri que era o que eu queria fazer, eu queria dar aula mesmo e é isso que eu quero atualmente. (OLIVEIRA, 2018, p. 332, grifo nosso)*

Não apenas a graduação, mas também a pós-graduação escolhida é colocada a uma conjunção de fatores externos e pontuais:

*Quando eu comecei a lecionar na escola Ernesto Rodrigues, eu tinha somente graduação. No ano seguinte eu descobri, em Jales, na Faculdade de Filosofia e Ciências, que havia iniciado uma Pós-Graduação lá, e como a Pós foi criada para o pessoal de São Paulo, eu fiquei sabendo **por um acaso,** eu e a minha amiga aqui de frente. (GUEDES, 2018, p. 113, grifo nosso)*

Vemos acima que muitos queriam fazer outros cursos, alguns até iniciaram outras graduações, mas, no fim, para estes depoentes, o rol de condições necessárias para se manter fora de casa, ou mesmo a insatisfação com estes outros cursos fez com que optassem por aquilo que tinham perto, à disposição e sem mudanças radicais em suas vidas, como deixar emprego, família, por exemplo, para estudar fora. As condições que se punham, e aí certo acaso de estarem onde estavam, foi preponderante na **escolha** de suas carreiras. Nitidamente podemos perceber aqui o não planejado, o não desejado, mas aquele que, como que vindo de uma força exterior e maior, uma reação ao que se coloca em sua frente, se torna o **possível** e, aos poucos, desejado. Podemos pegar como exemplo a fala de Maria Madalena Messias (apresentado acima), que embora o magistério se fizesse presente na sua vida, por conta das aulas ministradas na escola dominical de sua igreja, ele também veio ao acaso. O sonho dela era ser médica, mas não tinha condições econômicas para fazer medicina e, naquela época,

as mulheres eram educadas para o matrimônio e muitas vezes, o magistério vinha como um anexo a esta condição. A conjunção adversativa em sua fala e em diversas outras aponta a contrariedade na sua fala, “mesmo” não tendo escolhido, fui feliz. Poder fazer escolhas e realizá-las se imbrica aqui em um processo atrelado à ideia de felicidade, pelo contrário, a não escolha poderia torná-la infeliz, mas não o fez.

Sendo Mato Grosso do Sul um estado relativamente novo, desmembrado de Mato Grosso em 1979, um estado periférico se pensarmos nas relações políticas e econômicas que se mantinham sob forte influência da região sudeste, a vinda de professores para a região, a migração, se deu algumas vezes à obra do acaso:

*Tudo isso aconteceu tão rápido, mas no final deu tudo certo. **Por acaso uma pessoa** que trabalhava aqui em Mato Grosso do Sul com educação Matemática no ensino básico **me procurou** em Erechim [RS] para saber do projeto, e também logo me informei se havia algum concurso aberto no estado. Como ela estava voltando naquele mesmo dia disse que quando chegasse iria me enviar um e-mail com as informações sobre o concurso. No dia seguinte ela me confirmou e imediatamente fiz a minha inscrição para o concurso. (FAORO, 2014, p.70, grifo nosso)*

*Ele [esposo] gostava muito daqui, apesar dos pais morarem em Fernandópolis/SP. Ele me falou do concurso. Prestei, **por acaso, passei**. Esse concurso foi em 1981, no começo do ano. Me chamaram para tomar posse no meio do ano. Vim na última hora porque morria de medo: “Meu Deus, vou embora para Mato Grosso!” [risos]. (SILVA, 2016, p. 63, grifo nosso)*

*Olba, eu conheci Cassilândia no ano de 1968. Meu tio era corretor, e vieram uns corretores aqui e falaram que tinha uma propriedade muito barata lá em Cassilândia, então, nós fomos lá. Nessa época o prefeito era o Joaquim Tenório, o Pernambuco, ele tinha três filhas, tudo grandona (tudo velhona hoje, né?!). Uma tinha 17 anos, outra 15 e a outra 14. Então, eu estava almoçando na casa do senhor Joaquim, e eu era meio matutão, ele falou pro meu tio: “Você tem que fazer esse rapaz comprar essa terra aqui, porque eu tenho três moças aqui pra arrumar pro casamento”, aí, eu quase entrei debaixo da mesa. [Risos]. (GUEDES, 2018, p. 115)*

Algumas questões políticas, como a influência para efetivar ou contratar professores apareceram em alguns depoimentos. Entendemos esses acontecimentos como um evento não previsto ou, como alguns poderiam atribuir, de uma lógica metafísica acima de nossas existências regida por alguma força consciente. Em Mato Grosso do Sul, vários relatos apontam como a tomada do poder por outro grupo movimentava as escolas, os diretores e também o quadro de professores. Antes da divisão do Estado concursos eram raros e as escolas se mantinham com um quadro de contratados,

*[...] Na fazenda, sempre de noite ia brincar de dar aulas para as crianças. Isso me despertou o interesse pela Educação. [...] e os políticos da época, [...] viram que eu tinha aptidão para a Educação. **Então, pediram a minha nomeação pelo Governo do Estado**, que era ainda o Estado de Mato Grosso (Uno). Pediram a minha nomeação para o governador do Estado, que era o João Ponce de Arruda. Naquela época, tudo era fácil porque*



*faltavam professores mais qualificados. Dentro de um mês e pouco, veio a minha nomeação e eu comecei a dar aula na Fazenda Figueira [...]. (SILVA, 2016, p. 120, grifo nosso).*

*Naquele tempo, a política mandava muito aqui e o avô da Lenir [...] ele era líder político aqui, chegou até ser senador em Cuiabá [...]. Ele era político e, dentro da política, **ele conseguiu me colocar** como professor dentro do grupo dele, mas pouco tempo depois, a política aqui mudou e me mandaram embora. Acho que eu dei dois, três meses de aula e me mandaram embora. Fiquei uns três, quatro meses fora e me chamaram de novo, porque não tinha professor. (SILVA, 2016, p. 47, grifo nosso).*

Ainda, sobre a influência da política, por volta das décadas de 1950/1960, professores contratados em Campo Grande tinham que contar com a sorte em ser contratados no início de um novo mandato político, pois isso lhe garantiria emprego por um período, visto que a cada troca de partido no poder, havia também a troca no quadro docente.

*Também me lembro do primeiro concurso para professor, que aconteceu quando eu já estava lecionando há uns quatro, cinco anos. E não foi para escolher o melhor ou pior professor não, mas para que os professores, para quem estivesse dando aula e tivesse completado a Escola Normal pudesse continuar com segurança. Porque nós trabalhávamos assim: o mandato do governador era de cinco anos e os partidos políticos eram o PSD, o PTB, a UDN e o PP, mas não esse PP de agora. Na realidade, os mais fortes eram a UDN, que era o mais forte e era o partido dos fazendeiros, e o PTB e o PSD, que estavam sempre juntos. Então, se você entrou no governo do PTB/PSD, quando a UDN ganhasse, cinco anos depois, você perdia o emprego. A gente já saía. Terminava o ano e nós já limpávamos as gavetas e levávamos tudo embora porque seríamos exonerados no primeiro dia de aula. E assim íamos levando. (REIS, 2014, p. 58)*

Assim, a garantia de emprego em um determinado período não se dava por capacidade, formação, desejo, mas pelo simples acaso de ser “a vez” do partido ao qual se alinhava politicamente. Em narrativas de professores de Matemática à Reis (2020), a condição de trabalho do professor em algumas escolas municipais e estaduais de Campo Grande – MS, em um passado muito recente, aparece de maneira muito fortemente ligada ao alinhamento com os gestores da escola. Trazemos aqui excertos de narrativas de convocados (equivalente a contratados ou temporários em outras regiões) pela rede municipal de Campo Grande e estadual (MS).

*Quando eu trabalhava no município eu já vinha de uma escola estadual que tinha essa regra explicitada pelo diretor. Então eu cheguei **como alguém que conhecia o esquema, digamos. Ah, e eu até fui contratado por isso!** Quando a diretora me entrevistou ela disse que pegou meu currículo e ligou para a escola em que trabalhei anteriormente e o diretor lhe disse que eu era muito rígido, que não gostava de conversa na aula... Então essa questão nem precisou ser discutida comigo, mas eu sei que ela existe. (REIS, 2020, p. 61, grifo nosso).*

*Foi assim que ingressei como docente. Eu já vi em outros estados que para começar a atuar nas escolas os professores têm que fazer um tipo de prova. Aqui não, **aqui se o diretor gosta de você, ele contrata.** (REIS, 2020, p. 73, grifo nosso).*



Um dos depoimentos nos chamou particular atenção na ocasião de sua produção e novamente agora nesta releitura. Trata-se da narrativa de um professor ligado à UEMS e que participou ativamente da sua criação e gestão, particularmente da unidade de Cassilândia. A presença de determinados personagens políticos em uma reunião, para discussão do projeto de criação da UEMS foi o fator preponderante na criação das unidades, muito mais que qualquer estudo possa ter sido feito a este respeito e, supostamente, embasado a escolha. Ainda referente à mesma unidade, a distribuição de cursos foi um tanto peculiar, a sociedade queria dois cursos: Direito e Agronomia, mas estes já haviam sido **prometidos** a outras unidades, restando para Cassilândia o curso de Letras. A população, bastante insatisfeita pressionou e recebeu como afago o curso de Ciências com Habilitação em Matemática.

*Tatiana: O senhor falou que o convidaram para lecionar na UEMS. Como foi isso?*  
*Brandini: É, foi o seguinte.... Em Maio de 1993, eu fui pra Campo Grande – MS, com uns tios da Sirlei, eles eram políticos (vereador e presidente não sei do que aqui). Quando chegamos a Campo Grande – MS, fomos na casa do Valdomiro Gonçalves, lá estavam parentes dele, o Pedro Pedrossian, que era o governador na época, o Schmidt que era o Chefe da Casa Civil e mais uns três ou quatro deputados. E nós ficamos de lado, ouvindo o bate papo deles (eles estavam criando a UEMS) nós ficamos até 2 horas da manhã ouvindo aquele povo. **Fiquei ouvindo eles falarem que cada cidade que tivesse um deputado, o cara [deputado] queria uma unidade da UEMS. Então foram 12 unidades escolhidas e ficou faltando duas. Uma unidade ficou para ser instalada em Glória de Dourados ou Aparecida do Taboado. Nessa época o Valdomiro Gonçalves tomava conta aqui, na região do Bolsão e Paranaíba já tinha sido escolhida, Cassilândia também tinha sido escolhida, Três Lagoas também, mas Aparecida do Taboado estava isolada. Aí, o Valdomiro falou assim: “Nós temos aqui um moço que vai ser candidato a vereador. Brandini, se você for candidato e for eleito, você será meu representante em Aparecida do Taboado, e essa última unidade vai para Aparecida”. [...] O Valdomiro ficou indignado [por Brandini ter perdido a eleição] e falou: “Brandini, não vou mandar essa unidade pra Aparecida do Taboado não, vou te dar um emprego, vou te dar uma vaga na UEMS. [...] Cassilândia foi a primeira a ser escolhida, depois foi Paranaíba porque o Marcelo Miranda também estava no meio. (GUEDES, 2018, p. 115-116, grifo nosso).***

O deputado Valdomiro sugeriu que fosse implantado o curso de Agronomia em Cassilândia e a população cassilandense tinha anseio por esse curso e pelo curso de Direito. Porém, o curso de Direito já havia sido prometido para as cidades vizinhas Paranaíba e Três Lagoas e, o curso de Agronomia, para a cidade de Aquidauana [...]. Apesar de todo o desejo da população e do deputado Valdomiro, Cassilândia recebeu cursos na área da educação e para definição dos cursos implantados a comissão se reuniu com a população (representantes políticos, professores de diversas áreas e estudantes) no auditório da Escola Estadual Hermelina Barbosa Leal, antigo CEC, ofertando inicialmente o curso de Letras. Porém, as pessoas que estavam presentes queriam outros cursos e solicitaram mais a esta comissão, que sugeriu então o curso de Ciências com Habilitação em Matemática. **Numa escolha sem escolha**, Cassilândia ficou com esses dois cursos. (GUEDES, 2018, p. 159, grifo nosso).

Assim se implantou o referido curso ao qual muitas narrativas trazidas aqui se relacionam. O curso que mudou a vida de muitos que, sequer pensavam em ser professores de Matemática, como já apontado anteriormente.

Novamente na tese de Silva (2015), temos o acaso apontado como um fator motriz do pertencimento dos professores ao curso de Ciências e do modo como se travavam as interações entre eles:

*Em princípio, eu os percebi mais como professores **que o acaso vinculou ao curso de Ciências**. Não se envolviam e nem pensavam no curso de maneira global: cuidavam apenas das disciplinas que ministravam. Nada conseguiram me dizer, por exemplo, a respeito das mudanças ocorridas no processo de desenvolvimento do curso e dos demais professores que ali trabalhavam, o que me pareceu um sinal emblemático de distanciamento. (SILVA, 2015, p. 121-123, grifo nosso)*

*Quase não havia diálogo entre os professores que ministravam as disciplinas pedagógicas e específicas e, quando havia, **era por força do acaso**, como quando Edson Carvalho dividia as despesas da viagem até Três Lagoas com um professor do Departamento de Educação. (SILVA, 2015, p. 169, grifo nosso)*

Nestas duas citações acima, e também em:

*Com os conhecimentos internalizados por mim, passei a perceber que não devemos esquecer ou **deixar ao acaso esses alunos** que têm dificuldade em aprender. As diferenças são constantes nas salas de aulas e o professor, deve encontrar meios de trabalhar com a diversidade de alunos e, além disso, valorizar as ações realizadas por estes alunos. (FEITOSA, 2018, p.19, grifo nosso)*

Acaso é tratado como um substantivo digno de um artigo definido, ou seja, individualizam o acaso, para além de “um acaso” parecem ser mais personificáveis: “o” acaso. Provocativamente trouxemos no início do texto as palavras “Deus, Buda, Jeová, Razão, Horóscopo, Universo, Cosmos, Ciência” grafadas com iniciais maiúsculas não por acaso, mas para frisar tal personificação, pensamos, a partir desta citação, por exemplo, se o acaso, em algumas situações não seria também merecedor de tal modo de grafá-lo. Nestas situações poderíamos incluir o acaso naquela lista grafada com iniciais maiúsculas? Seria o Acaso aí também uma possível sombra na caverna?

Trouxemos aqui uma diversidade de usos do acaso em nossas pesquisas e diversas citações que nos parecem indicá-lo, ainda que indiretamente em alguns casos. Se nos movemos inicialmente regidos pelo “não pense, veja” (WITTGENSTEIN, 1999), sentimos agora necessidade de externalizar alguns de nossos movimentos de leitura destes textos e apontar possíveis problematizações possíveis.

Por certo é lícito pensar que há nessas narrativas uma íntima relação desses personagens com o contexto que os cerca, pessoas, políticas públicas, partidárias que ultrapassam seus desejos, vontades, dominação. São assim obrigados a lidar com o contingente, com aquilo que se põe à sua frente sem que esperassem: o inesperado. Nesta direção há elementos nestes depoimentos que poderiam tornar inesperado o fato de alguém formado em um curso de licenciatura começar a lecionar, ou o fato de alguém se mudar para um lugar que não conhecia por conta de um concurso ou um convite de emprego. O inesperado nestas situações parece ser algo do tangenciável, do nível plausível, um

inesperado-esperado. Seria inesperado que alguém que jogasse os números 1, 2, 3, 4, 5 e 6 na loteria ganhasse o prêmio? Para a Matemática parece um resultado esperado e para aquele aposta, gastando seu dinheiro com a compra do bilhete, certamente que sim, mais do que isso, este inesperado (para alguns) é justamente o objeto de desejo. No excerto que segue a pesquisadora conclui a fala apontando que a publicação de materiais advindos de sua tese de doutorado poderiam “por acaso” acontecer,

*Então devo dizer que estou muito grato à senhora por me proporcionar essa quebra de paradigma e um novo olhar sobre o sistema educacional. **Se por acaso** eu publicar alguma coisa na área a senhora será citada com certeza. Obrigado. (OLIVEIRA, 2018, p. 65, grifo nosso)*

Há outros casos onde a possibilidade real se abriu no dado instante da intervenção do outro, talvez um nunca antes pensado, se tornar professor para aquele que apenas concluiu o segundo grau e está desempregado, mudar para uma cidade que desconhecia a existência até então por conta de um concurso público, a possibilidade de realizar um curso que seria aberto nas proximidades de sua casa mas ainda não se sabia, por fim, a novidade. Não apenas uma novidade, mas aquela que se abre por meios que, dada uma pequena mudança de curso no dia, poderia não chegar, o acesso a um site por outros motivos, a leitura de um jornal na sala dos professores enquanto “folga” uma aula/janela por motivos alheios etc. Enfim, uma descoberta. Por certo que a big data e a internet das coisas, além da publicidade que já faz isso há muito tempo, têm tentado ser cada vez mais certos em seus meios de divulgação, como o já bastante conhecido caso de “fraldas e cerveja”<sup>1</sup>, por certo haverá sempre aqueles que fugirão do padrão e encontrarão a novidade.

*Trouxe também um exercício distante, mas inspirado em um dos desenhos do artista Antony Gormley, que encontrei por **acaso** na internet. Ele é um escultor conhecido por conseguir dar forma à ausência e, para mim, retrata em seus desenhos, que passei a conhecer, a questão do corpo, do espaço, dos riscos, das linhas, das formas. (FRANCO, 2019, p. 186-187, grifo nosso)*

Atribuir ou não lógica ao acaso. Podemos pensar todos estes eventos exteriores aos seres humanos como regidos por alguma lógica racional, algum desejo superior ou, em oposição, desprovido de tudo isso, movimentos randomizados, provindo da interação entre elementos, átomos, animais das mais variadas espécies, clima e temperatura, materialidade: caos. A escolha entre os modos de pensar o acaso e estas forças maiores também não se trata propriamente de uma escolha, como se pudesse ser livre, como se pudessemos nos descolar de nossos jogos de linguagem e formas de vida para optarmos por quais queremos participar. Na contramão, há também por certo, uma infinidade de jogos de linguagem e formas de vida e podemos, sim, transitar por elas, criar novas e abandonar antigas. Há ainda aqueles que se permitem pegar delírio, colocando em cheque (mate) as formas usuais de uso, de atribuição

<sup>1</sup> C.f. SILVA, A. Fraldas, cervejas e Big Data. 2013. Disponível em: <<https://tiinside.com.br/25/11/2013/fraldas-cervejas-e-big-data/#:~:text=O%20princ%C3%ADpio%20de%20%E2%80%9Cfraldas%20e,Big%20Data%20para%20identificar%20f-raudes>>. Acesso em: 27 ago. 2020.

de significado, é possível pegar delírio no acaso? Causar? Acasualisar a formação de professores? Acasofriccionar a Matemática? Professores e alunos, um encontro casual, efêmero? O que pode o acaso na sala de aula? Na formação de professores?

Por último, mas não por fim, é relevante retomar a epígrafe e a questão do desejo. Nietzsche nos alerta para o desejo de humanizar o universo, de estipular regras para o caos, enfim, uma vontade de dominar aquilo que está para além de nós e, de toda forma, agindo sobre nós inequivocamente. Da mesma forma Wittgenstein, ao propor seus jogos de linguagem relativiza a noção de verdade, impugna a possibilidade de uma verdade universal descoberta por nós, cada jogo é localmente situado em suas formas de vida.

*Pouco a pouco o cérebro humano se encheu com semelhantes juízos e convicções e, nessa aglomeração, se produziu uma fermentação, uma luta e um desejo de dominar. Não somente a utilidade e o prazer, mas também toda espécie de instinto, tomaram parte na luta pela "verdade"; o embate intelectual se tornou uma ocupação, um fascínio, uma vocação, uma dignidade: - o conhecimento e a aspiração ao verdadeiro tomaram lugar finalmente como uma necessidade no meio das outras necessidades. [...] O conhecimento se tornou, desde então, uma parte da própria vida e, como vida, uma força que foi crescendo sem parar: até que enfim o conhecimento e esses antigos erros fundamentais<sup>2</sup> se chocaram reciprocamente, uns e outros como vida, como força dentro do mesmo indivíduo. (NIETZSCHE, 2019, §110)*

Para nós, inseridos na História da Educação Matemática, o desejo de explicação, de fugir da casualidade apontando justamente A causa, é pulsante. Muitas das vezes é o que justifica uma empreitada historiográfica. Temos dificuldades em pautar objetivos de pesquisa que não sejam explicativos, análises que não sejam dogmáticas, que não estabeleçam causa e efeito.

*Uma inteligência que visse causa e efeito como uma continuidade e não, à nossa maneira, como um retalhamento arbitrário, a inteligência que visse a onda dos acontecimentos - negaria a ideia de causa e de efeito e de toda determinação. (NIETZSCHE, 2019, §112)*

## Referências

ALMEIDA, A. M. de. **Inventar e se reinventar em meio a narrativas históricas**: uma trajetória de pesquisa sobre o curso modular de matemática em Campo Grande/MS. 2017. 226 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Instituto de Matemática, Campo Grande, 2017.

BARBOSA, R. M. **Descobrendo a geometria fractal para a sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Autêntica Editora, 2002.

FAORO, T. C. T. **A formação de professores de matemática da universidade federal de Mato Grosso do Sul**: um olhar sobre os anos iniciais da licenciatura em dourados.

---

<sup>2</sup> Anteriormente a este trecho ele traz como estes erros: há coisas duráveis e idênticas, existem objetos, matérias, corpos, uma coisa é o que parece ser, nossa vontade é livre, aquilo que é bom para alguns é bom em si. (NIETZSCHE, 2019).

2014. 236 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Instituto de Matemática, Campo Grande, 2014.

FEITOSA, R. M. L. **A Matemática e a atuação do professor de Matemática na percepção de alunos cegos em escolas públicas de Campo Grande – MS.** 2018. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Instituto de Matemática, Campo Grande, 2018.

FRANCO, V. N. M. **Entre infâncias, narrativas e delírios: fora da escola, fora da matemática, fora do risco....** 2019. 187 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Instituto de Matemática, Campo Grande, 2019.

GASPAR, V. R. G. **A mentoria na formação de professores que ensinavam matemática: uma instituição (?), diversas experiências na cidade de Campo Grande/MS de 1980 a 1990.** 2015. 201 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Instituto de Matemática, Campo Grande, 2015.

GUEDES, T. R. **Entre a necessidade e o jogo político: uma história sobre a criação e extinção do curso de ciências da UEMS em Cassilândia.** 2018. 204 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Instituto de Matemática, Campo Grande, 2018.

HAZZAN, S. **Fundamentos de Matemática Elementar.** v. 5. 3. São Paulo: Atual Editora: 1997.

NIETZSCHE, F. **A Gaia Ciência** (Coleção Nietzsche). LeBookks, 2019.

OLIVEIRA, A. B. de. **Licenciaturas em Matemática como produção narrativa: aberturas para experiências.** 2018. 420 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Instituto de Matemática, Campo Grande, 2018.

REIS, A. C. de S. R. dos. **A formação matemática de professores do ensino primário: um olhar sobre a Escola Normal Joaquim Murtinho.** 2014. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Instituto de Matemática, Campo Grande, 2014.

\_\_\_\_\_. **Morte e vida severina: auto de natal em Educação Matemática.** 2020. 163 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Instituto de Matemática, Campo Grande, 2020.

SARTINI, B. A.; GARBUGIO, G.; BORTOLOSSI, H. J. SANTOS, P. A.; BARRETO, L. S. Uma Introdução a Teoria dos Jogos. In: II BIENAL DA SBM, , 2004, . **Anais ... :**

Universidade Federal da Bahia, 2004. Disponível em:  
<<https://www.ime.usp.br/~rvicente/IntroTeoriaDosJogos.pdf>>.

SILVA, C. R. M. da. **Uma, Nove ou Dez Narrativas sobre as Licenciaturas em Ciências e Matemática em Mato Grosso do Sul**. 2015. 369 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2015.

SILVA, N. C. da. **Cenas sobre a formação e atuação de professores de matemática de Paranaíba/MS na segunda metade do século XX**. 2016. 216 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Instituto de Matemática, Campo Grande, 2016.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Editora Nova Cultura, 1999.